



EDITORA



UnB

Análise de práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais de Ciências Agrárias

Reflexões sobre o Programa Residência Agrária

Volume II



N. Cham.: 37.018.523 P912co

Título: Práticas contra-hegemônicas na
formação dos profissionais das ciências



10455881

Ac. 1035245

v. 2 Ex.2 BCE

Organizadores

Mônica Castagna Molina

Fernando Michelotti

Rafael Litvin Villas Boas

Rita Fagundes

EDITORA



UnB

**Práticas contra-hegemônicas na
formação dos profissionais das
Ciências Agrárias
Volume II**

Reflexões sobre o Programa Residência Agrária

Organizadores

Mônica Castagna Molina

Fernando Michelotti

Rafael Litvin Vilas Boas

Rita Fagundes



Universidade de Brasília

Reitora Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora Germana Henriques Pereira

Conselho editorial Germana Henriques Pereira
Fernando César Lima Leite
Estevão Chaves de Rezende Martins
Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
Jorge Madeira Nogueira
Lourdes Maria Bandeira
Carlos José Souza de Alvarenga
Sérgio Antônio Andrade de Freitas
Verônica Moreira Amado
Rita de Cássia de Almeida Castro
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

P912 Práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais das Ciências Agrárias: reflexões sobre o Programa Residência Agrária : volume II / Mônica Castagna Molina ... [et al.], [organização]. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2017.
476 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-230-1208-3.

1. Educação do campo. 2. Ciências Agrárias. 3. Residência agrária. 4. Agroecologia. I. Molina, Mônica Castagna (org.).

CDU 63

Equipe editorial

Observatório da Educação do Campo
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)
Centro Transdisciplinar de Educação do Campo - CETEC

Coordenadora de produção editorial

Mônica Castagna Molina

Preparação e revisão

Sandra Fonteles

**Capa, projeto gráfico, tratamento
de imagem, produção gráfica,
vetorização de
figuras/gráficos/tabelas/quadros,
diagramação e arte final**

Alex Silva

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Observatório da Educação, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Brasil.

Copyright © 2017 by Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,

2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Sumário

Prefácio	
Roseli Salete Caldart.....	06

Apresentação	
As Organizadoras e os Organizadores.....	17

BASES TEÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA AGRÁRIA

Residência Agrária e projeto educativo dos camponeses	
Clarice Aparecida dos Santos.....	28

Agroecologia: uma contribuição camponesa à emancipação humana e à restauração revolucionária da relação metabólica sociedade-natureza	
José Maria Tardin e Dominique Michèle Perioto Guhur.....	44

EIXO 1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, TERRITÓRIOS CAMPONESES E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Educação do Campo e democracia: a experiência do Curso “Residência Agrária – Matrizes Produtivas da Vida no Campo” da Universidade de Brasília	
Beatriz Casado Baides, Geraldo José Gasparin, Luiz Henrique Gomes de Moura, Rafael Litvin Villas Bôas e Marco Antonio Ribeiro Baratto.....	102

Construção compartilhada de saberes: a experiência do NEEPA	
Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, Andrea Machado Camurça e Lígia Alves Viana.....	128

Ressignificando resistências e apontando caminhos: IALA Amazônico e Residência Agrária	
Fernando Michelotti, Marcelo Bruno Ribeiro Barbosa e Elenara Ribeiro da Silva.....	146

Uma entrada pela fresta: reflexões sobre a Pós-Graduação Residência Agrária na Universidade Federal do Pará	
Sônia Barbosa Magalhães e Laura Angélica Ferreira.....	176

Estratégias pedagógicas na articulação entre teoria e prática no Programa de Pós-Graduação em Direitos Sociais do Campo – Residência Agrária (UFG/Regional Goiás)	
Erika Macedo Moreira, Ana Cláudia Diogo Tavares, Janaina Tude Sevá e Raniele Caroline de Sousa.....	192

EIXO 2 MATRIZES TECNOLÓGICAS

Processos históricos e inovações tecnológicas no semiárido brasileiro	
Jonas Duarte.....	218

Das sementes aos frutos: a experiência do Curso de Especialização em Extensão Rural Agroecológica e Desenvolvimento Rural Sustentável – Residência Agrária/UFC	
Ivana Leila Carvalho Fernandes, Diana Mendes Cajado, Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo e Daniel Albiero.....	242

Arte, cultura e Educação do Campo no Centro de Ciências Agrárias: o confronto com o instituído	
Maria Inês Escobar da Costa.....	264

Residência Agrária - Sergipe: semeando a agroecologia e a soberania alimentar	
Rita Fagundes, Andhressa Araújo Fagundes e Amaury da Silva dos Santos.....	288

EIXO 3 AGROECOLOGIA, SAÚDE, FEMINISMO, SEMENTES E O PROCESSO DE GERAÇÃO DA VIDA

Mulheres camponesas e quintais: anúncio de esperança e (re)existência para a vida planetária	
Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, Andrea Machado Camurça, Lígia Alves Viana e Karla Karolline de Jesus Abrantes.....	312

O protagonismo das mulheres no Residência Agrária da UnB: um despertar feminista	
Adriana Fernandes Souza e Charlotte Emanuele da Silva Sousa.....	332

Diálogo entre segurança alimentar, saúde e agroecologia: uma experiência de pesquisa e extensão do Curso de Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe (UFS)	
Andhressa Araújo Fagundes, Rita Fagundes, Tatiana Canuto Silva e Josefa Adriana Leal.....	348

EIXO 4 FEIRAS DA REFORMA AGRÁRIA, AGROECOLOGIA E RELAÇÃO CAMPO E CIDADE

Feiras da Reforma Agrária: uma ferramenta para a organização produtiva e para o fortalecimento da soberania alimentar	
Bárbara Loureiro Borges e Fábio Ramos Nunes.....	374

Feira dos Produtores Rurais de Parauapebas/PA: produção e circulação de alimentos como temática de estudo no Residência Agrária	
Haroldo de Souza, Fernando Michelotti e Ayala Lindabeth Dias Ferreira.....	394

A construção de dados sobre a inserção dos agricultores assentados no PNAE	
Marcela Medeiros de Castro e Débora Franco Lerrer.....	410

As Feiras Nacionais do MST e a Reforma Agrária Popular	
Ana Manuela Chã, Carla Tatiane Guindani, Daniel Mancio e Andrea Matheus.....	428

Posfácio	
As Organizadoras e os Organizadores.....	447

A respeito das Organizadoras e Organizadores.....	463
--	------------

A respeito dos Autores.....	467
------------------------------------	------------

EIXO 3

AGROECOLOGIA, SAÚDE, FEMINISMO, SEMENTES E O PROCESSO DE GERAÇÃO DA VIDA

**Mulheres camponesas e quintais:
anúncio de esperança e re(existência) para a vida planetária**

*Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, Andrea Machado Camurça,
Lígia Alves Viana e Karla Karolline de Jesus Abrantes*

**O protagonismo das mulheres no Residência Agrária da UnB:
um despertar feminista**

Adriana Fernandes Souza e Charlotte Emanuele da Silva Sousa

**Diálogo entre segurança alimentar, saúde e agroecologia:
uma experiência de pesquisa e extensão do Curso de
Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe (UFS)**

*Andhressa Araújo Fagundes, Rita Fagundes, Tatiana Canuto Silva
e Josefa Adriana Leal*

Mulheres camponesas e quintais: anúncio de esperança e re(existência) para a vida planetária

Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo¹

Andrea Machado Camurça²

Lígia Alves Viana³

Karla Karolline de Jesus Abrantes⁴

Este escrito tem por objetivo propiciar reflexões em torno de estudos, pesquisas e trabalhos⁵ compartilhados com a mulher camponesa⁶ que atua com sistemas agroalimentares, que realiza manejos e usos sustentáveis da terra, do solo, da água, das sementes, das plantas e dos animais. Um debate imprescindí-

¹Doutora em Sociologia/UFC. Professora da Universidade Federal do Ceará/UFC. Coordenadora do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Agroecologia/NEEPA do Programa Residência Agrária/UFC. E-mail: gemaesmeraldo@gmail.com.

²Graduada em Economia Doméstica/UFC. Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFC). Integrante do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Agroecologia/NEEPA do Programa Residência Agrária/UFC. E-mail: andreamcufc@gmail.com.

³Graduada em Ciências Sociais/UECE. Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFC). Integrante do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Agroecologia/NEEPA do Programa Residência Agrária/UFC. E-mail: ligiaviana@gmail.com.

⁴Graduada em Economia Doméstica/UFC. Mestra em Economia Agrícola/UFC. Doutoranda no Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFC). Integrante do Programa Residência Agrária/UFC. E-mail: karlakarolline@hotmail.com.

⁵Esses estudos resultam de uma fecunda e cuidadosa caminhada trilhada no Programa Residência Agrária – PRA, que, desde sua criação em 2004, vem construindo conhecimento no âmbito da Educação do Campo. Os Estágios de Vivência, as pesquisas engajadas, o uso de metodologias calcadas na educação popular como Pedagogia da Alternância e Pedagogia Feminista, além dos princípios político-pedagógicos do movimento da Educação do Campo têm sido basilares na construção de conhecimento contra-hegemônico. Desvelar e problematizar questões que perpassam a problemática agrária e o campesinato tem sido urgente e necessário. Nessa direção, estudos e pesquisas de graduação e pós-graduação têm contribuído para a construção de conhecimento no âmbito do feminismo, das relações de gênero, da agroecologia e no diálogo entre esses campos epistemológicos.

⁶Utilizamos “mulher camponesa” como uma categoria ontológica.

vel e urgente para garantir a visibilidade, o anúncio, o reconhecimento, o debate, a defesa e o apoio à afirmação do lugar social, econômico, político e ambiental da mulher camponesa. É um debate imprescindível diante das ameaças que o meio ambiente e a sociedade estão a sofrer. É urgente devido ao sentido de revelação e de denúncia que a mulher camponesa também provoca para o ambiente acadêmico ao expor seu caráter contraditório na produção de uma ciência dita moderna e voltada para o progresso da sociedade.

O progresso social a que se propõe a academia está alicerçado fundamentalmente em duas matrizes – a da ciência moderna e a do desenvolvimento. A ciência atua para intensificar pesquisas a produzir tecnologias dirigidas para fortalecer o processo de produção e consumo, processo este considerado basilar para a economia capitalista. O desenvolvimento pensado e voltado para uniformizar, universalizar, centralizar modos de produção e de consumo prioriza a exploração intensiva da natureza e a constituição maquínica do homem/mulher.

Visando ao progresso, à ciência e ao desenvolvimento na sua ação concreta, atuam de forma conectada e conflitante ao antecipar e apressar a destruição da vida humana e dos bens ambientais. Esse modelo está a construir crises que se conjugam e se aprofundam na sociedade contemporânea. O conjunto de necessidades e padrão de produção e consumo formulado é insustentável num processo de expansão do capital que conduz ao acirramento dos ciclos de crises em suas diversas esferas. Trata-se das crises energética, alimentar, ambiental, econômica, política, civilizatória, que não se restringem ao caráter conjuntural, mas se caracterizam por uma profunda “crise estrutural” do capital (MÉSZÁROS, 2009).

As experiências das mulheres têm sido ameaçadas pela produção e expansão da lógica econômica de acumulação de capital. Os processos de avanços de fronteiras produtivas e de ampliação do modelo neoextrativista, do agrohidronegócio, da mineração e da produção de energia intensificam os conflitos ambientais e inviabilizam as práticas das mulheres camponesas.

O saber-fazer da mulher camponesa é central para construir conhecimentos em novas configurações que fundamentalmente garantam sua auto-organização, afirmação na sociedade e lhe permitam reconhecer seu papel no uso coletivo dos bens ambientais. Essa dinâmica configura processos de manutenção da vida que se constituem em estratégia real de existência da humanidade no planeta e de enfrentamento do modelo produtor das crises que coloca em risco a vida humana.

A atuação da mulher camponesa é histórica, permanente, cotidiana e ativa na salvaguarda dos sistemas agroalimentares que se situam em diferentes continentes do planeta. Seja na África, na Ásia, na Europa, na América, na Oceania ou na Antártica a presença da mulher é encontrada no cultivo da terra, na criação dos animais, na produção e extração de alimentos *in natura*, no beneficiamento de produtos alimentares, na preparação de alimentos e no cuidado com os bens ambientais.

Refletir sobre os elementos que constituem o papel da mulher camponesa na conservação da biodiversidade se coloca como desafio original neste artigo, que tratará de pensar analiticamente os “quintais” por ela trabalhados em suas diferentes dimensões. Desse modo, será feito o diálogo entre pesquisas recentes realizadas com mulheres situadas em assentamentos rurais do estado do Ceará e estudos publicados sobre essa temática⁷.

O artigo caminhará em atos de reflexão dialogando com as seguintes questões: Qual o sistema agroalimentar produzido no “quintal” da mulher camponesa? O que produz esse “quintal” e qual sua função na preservação ambiental e da vida humana? Como esse sistema agroalimentar faz as ligações entre a vida humana e a vida dos animais, das plantas, do solo, da água, das sementes? Como se realiza a produção e a transmissão dos conhecimentos da mulher camponesa?

⁷Foram produzidas monografias resultantes de Estágios de Vivência, dissertações de pós-graduação ligadas ao Observatório de Educação do Campo e pesquisas desenvolvidas a partir da criação do Núcleo de Estudo, Experiências e Pesquisas em Agroecologia – NEEPA (Edital 81/2013 – MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq), projetos esses vinculados ao PRA. Esses têm sido espaços do exercício de socialização de pesquisas realizadas e a produção de estudos a partir dos interesses das comunidades. Provocam ainda a realização de cursos, seminários e oficinas em agroecologia a partir do diálogo entre diferentes sujeitos e saberes e a problematização e reflexão numa dimensão relacional sobre a agroecologia e o feminismo, a soberania, segurança alimentar e a justiça ambiental.

Os quintais como sistemas agroalimentares produtores de vida

Na trajetória histórica das mulheres camponesas, os “quintais”⁸ se apresentam como espaços de trabalho cotidiano para garantir o autoconsumo familiar e da comunidade. Denominado de “entorno da casa”, “quintais domésticos”, “quintais produtivos” ou mais comumente nos territórios apenas como “quintais”, configuram um campo de relações que caracteriza as estratégias, referências e elementos do modo de vida camponês.

São espaços que combinam formas de cultivo da terra e de criação de animais, de extrativismo e de transformação, num processo de auto-organização do trabalho em ambientes diferenciados que se conectam e se entrelaçam numa teia de relações no âmbito das questões ecológicas, sociais, econômicas, políticas e culturais. Essa dinâmica configura uma cosmovisão camponesa que se contrapõe à lógica hegemônica de produção.

Os “quintais”, portanto, constituem um conjunto de sistema e subsistemas que compõem um agroecossistema cuja produção e reprodução ocorrem de forma cíclica na qual os elementos que os constituem se retroalimentam e combinam funções e cadeias na garantia de sua própria existência. As transformações cotidianas impostas ao agroecossistema pela atividade humana causam impactos, mas, ao considerar a possibilidade de conexão à perspectiva cíclica do sistema, podem se integrar à dinâmica. Tal reflexão toma como base o conceito formulado por Siliprandi sobre agroecossistema, assim formulado:

O agroecossistema é definido como um tipo específico de ecossistema, modificado pela ação humana por meio das

⁸Os “quintais” são as formas mais antigas de manejo da terra. Foi nos arredores das moradias e aluviões, em lugares de debulha e de preparo culinário dos cereais nativos durante o período neolítico que surgiram as primeiras práticas de semeaduras de forma não intencional (MAZOYER; ROUDART, 2010). Por meio da atividade de coleta, segundo Koss (2004), as mulheres adquiriram conhecimentos sobre os vegetais, flores e frutos e, por meio da experiência direta e pela observação contínua, aprenderam o processo de semeadura e germinação da terra. Daí se tem a passagem do extrativismo (coleta, caça e pesca), essencialmente nômade, desenvolvida no paleolítico, para a domesticação de plantas e dos animais (MAZOYER; ROUDART, 2010). A partir dos sistemas de cultivo e criação, a agricultura se expandiu pelo mundo afora e passou por diversas transformações tecnológicas, modo de produção e de trabalho.

atividades agrícolas. É uma unidade geográfica delimitada (ainda que variável quanto à sua extensão), onde se dão complexas relações entre as práticas agrícolas e o ecossistema original. Para se entender essas relações é necessário analisar não apenas os fenômenos ecológicos que ali ocorrem (bioquímicos, agronômicos), mas também as interações entre os seres humanos, sua história e sua cultura. (SILIPRANDI, 2015, p. 88)

Os "quintais", portanto, constituem um agroecossistema que dialoga de forma integrada com uma cadeia complexa de elementos de amplas dimensões que se projeta para além da esfera física do espaço delimitado. Além disso, conectam-se a outros sistemas, como ao roçado, à pesca, às atividades não agrícolas e às trajetórias histórico-culturais. Em outras palavras, estão imbricados num conjunto de relações que compõem o cotidiano produtivo familiar e comunitário.

Pode-se perceber, na análise dos elementos que constituem os "quintais", uma estrutura que se contrapõe à dinâmica universalizante do sistema hegemônico de produção. Este está baseado em processos de acumulação intensiva por meio da expansão de sistemas homogeneizantes de produção, como o agrohidronegócio e a imposição de formas de manejo relacionadas ao processo de modernização da agricultura. Tal estrutura produtiva tem como base um conjunto de valores constituintes de um "modelo civilizatório" (LANDER, 2005) que configura a trajetória e a hegemonia do modo de produção capitalista.

Lander (2005) reflete sobre a essência da concepção de mercado e os desafios para um debate sobre as existências alternativas ao modo de produção capitalista. A concepção da sociedade moderna capitalista como única possível perpassa um conjunto de mecanismos que neutralizam e naturalizam as relações sociais a partir da narrativa histórica hegemônica. A universalização do saber eurocêntrico, imposto como determinante à existência humana, tem-se constituído como elemento fundamental para a manutenção da hegemonia capitalista, inviabilizando os demais saberes como possibilidades de produção e reprodução da vida.

Como uma das estratégias para garantir o processo neutralizador dos demais saberes, tem-se a separação entre natureza, ser humano e

sagrado. Outra estratégia se refere à relação dessa separação com as formas de organização do poder. Essa estrutura se dissemina no âmbito da ciência moderna, na qual a dicotomia entre corpo e mente e entre razão e imaginação se constituem bases para a construção de um conhecimento objetivo e universal. A separação entre moderno, como referente à sociedade europeia, e as outras sociedades e culturas concebidas como atrasadas nega qualquer relação para além da instituída pelo sistema hegemônico de produção baseado na propriedade privada.

Dessa maneira, as noções de progresso e desenvolvimento têm em suas bases a dominação da natureza sem limites de controle sobre o avanço produtivo aos bens naturais e a submissão das mulheres camponesas, dentre outros sujeitos sociais.

Os “quintais” significam elementos de ruptura com a lógica neutralizadora de saberes do sistema hegemônico. As mulheres têm construído uma experiência produtiva a partir do sistema agroalimentar que não está limitada à dimensão econômica capitalista, mas a outra racionalidade que integra dimensões como afetividade, sociabilidade, humanidade, economia não capitalista, dimensão física e intelectual.

Essas experiências revelam elementos de constituição de uma cosmovisão camponesa, tais como: a dimensão do valor de uso como referência valorativa supera a do valor de troca; as atividades biológicas reprodutivas são conjugadas com os bens da natureza existentes; o controle e a regulação do processo do trabalho estão indissociados da dinâmica da natureza; os sistemas de trocas são baseados nos princípios da reciprocidade, da ajuda mútua e das esferas não monetarizadas de relações de troca; a coordenação e o controle da multiplicidade de atividades materiais e culturais; a diversidade produtiva; a constituição de saberes que oferecem bases para a construção de conhecimentos e concepções no âmbito do cotidiano camponês.

O sistema agroalimentar que constitui o “quintal” requer da mulher a realização de diferentes atividades e uso de manejos do solo, da água, dos

animais, etc., com o conhecimento das condições edafológicas do ambiente. Para cada cultivo e criação, realiza distintas tarefas para garantir todo o ciclo produtivo exigido. Organiza seu tempo e espaço e, ao combinar tantas funções, essa mulher aprende e realiza a transmissão para as novas gerações de um saber-fazer que é complexo e multivariado.

Há saberes produzidos e reproduzidos na dinâmica cotidiana dos “quintais”, realizados por mulheres camponesas e em processo de transmissão, que requerem ser percebidos, compreendidos, reconhecidos e (re)significados. Aqui se trata de pensar numa sociedade camponesa de e com saberes específicos, que reúne um patrimônio material e imaterial importante da e para a humanidade. Destaque-se um conhecimento que percebe e possibilita perceber a complexidade do saber nas coisas, que faz a transmissão secular de saberes que constrói o tempo do aprendizado pessoal e o tempo do aprendizado coletivo a se acumular em muitas gerações.

São saberes que possuem um caráter vital, diretamente relacionado à reprodução das diferentes espécies da natureza, não apenas humanas, mas animais, vegetais e minerais, que fortalecem a biodiversidade. Para além, seguem na dinâmica de fortalecimento e afirmação da mulher camponesa como sujeito político e social que questiona o domínio do mercado por meio das relações sociais e de autoconsumo fora da lógica monetária.

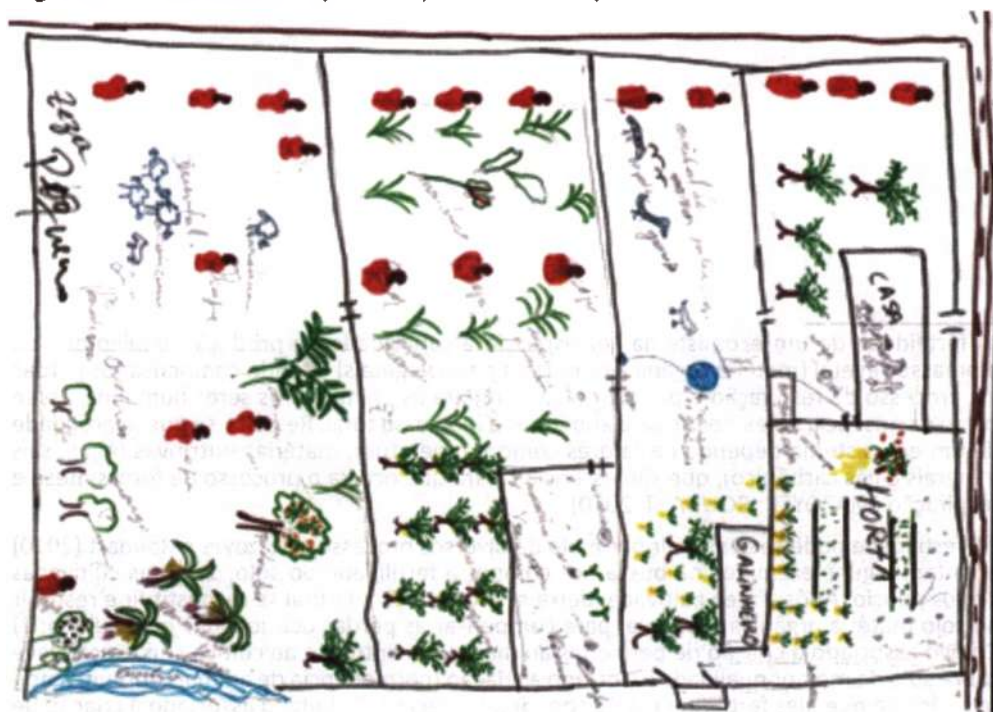
Trata-se de saberes que nos últimos anos também são experimentados nos espaços de formação, nas manifestações públicas, nas lutas organizadas pelos movimentos de mulheres, vinculados aos movimentos sociais ou sindicais para o fortalecimento do campo das relações do aprofundamento das raízes que configuram uma cosmovisão camponesa feminista. São interações que se refletem nas dimensões da formação política e educacional numa perspectiva emancipatória.

São saberes que se realizam de forma direta, subjetiva, que se renovam a cada relação com a natureza e com a sociedade. São saberes criadores de memória humana (MONEYRON, 2003). São saberes que geram aprendi-

zados incorporados a cada interação com os “quintais” no cultivo (frutíferas, olerícolas, medicinais, florícolas), na criação (aves, ovelhas, caprinos, suínos), na transformação (bolos, doces, queijos), no extrativismo (coleta de lenha, pesca), na comercialização (em feiras municipais e agroecológicas, na vizinhança) e na produção para o consumo familiar e comunitário.

A Figura 1 apresenta um “quintal” desenhado por uma camponesa, que representa o trabalho desenvolvido num sistema agroalimentar integrado em uma área de ½ hectare, reunindo os subsistemas de cultivo, criação, transformação e extrativismo.

Figura 1: Desenho de “quintal” por uma camponesa.



Fonte: ABRANTES (2012).

A experiência dos “quintais” revela a diversidade e a complexidade de possibilidades no âmbito da criação de estratégias de manejo associadas

à percepção da dinâmica da biodiversidade local. As mulheres produzem instrumentos de trabalho adequados ao uso do solo, práticas de cultivo, criação, extrativismo e transformação a partir da observação, experimentação e convivência com a natureza, e organizam seu trabalho de forma a integrar os diferentes sistemas e subsistemas construídos no "quintal".

As mulheres camponesas tratam esses sistemas (cultivo, criação, extrativismo, transformação) e subsistemas (horta, roçado, frutíferas, medicinais, etc.; caprinos, ovinos, suínos, aves, etc.; extração da lenha; pesca de marisco e peixe; mata nativa para uso medicinal e alimentício; preparações medicinais, doces e bolos, condimentos, etc.) de forma associada, identificando os fluxos de fertilidade⁹ que se realizam entre os produtos, para garantir nessas conexões processos de fertilidade¹⁰ entre eles (CAMURÇA, 2013).

⁹A fertilidade de um ecossistema corresponde à capacidade de produção equilibrada da biomassa vegetal (matéria orgânica produzida pelos vegetais) visando compensar as perdas via processo de respiração e produzir alimento para os animais e os seres humanos, assim como na ausência deles, servir para aumentar a biomassa total. Ressalta-se que a fertilidade de um ecossistema depende de fatores como temperatura, matérias nutritivas (água, sais minerais e gás carbônico), que são essenciais para que ocorra o processo de fotossíntese e respiração (MAZOYER; ROUDART, 2010).

¹⁰A fertilidade pode se constituir por meio de diversos processos. Mazoyer e Roudart (2010) apontam alguns exemplos na busca por compor a fertilidade do solo: 1) Áreas cultivadas *versus* pousio. Após a área cultivada, deixa-se a vegetação natural se reconstituir e restituir ao solo matéria orgânica e mineral para compensar as perdas ocasionadas pelo cultivo; 2) Cultivo associado à criação de pequenos animais. Concentração de cultivo com tração leve sobre solo de melhor qualidade associado à criação (permanência de animais durante a noite de forma que eles fertilizem o solo com dejetos fecais); 3) Cultivo associado à criação de grande porte para produção de estrume. Destinar uma parte das áreas com pastagens para alimentar animais de grande porte em estábulo e para produzir estrume que será destinado para preparo do solo; 4) Cultivo associado às arbóreas para produção de cobertura do solo, podendo ainda ser associado à criação de animais. Manter em terras cultivadas arbóreas de grande porte, de forma que estas absorvam as camadas mais profundas do solo, elementos minerais que são em seguida restituídos ao solo cultivado, seja diretamente pela queda das folhas e das outras matérias orgânicas mortas seja indiretamente pelas dejeções do gado que consumiu as folhas e os brotos dessas árvores (MAZOYER; ROUDART, 2010).

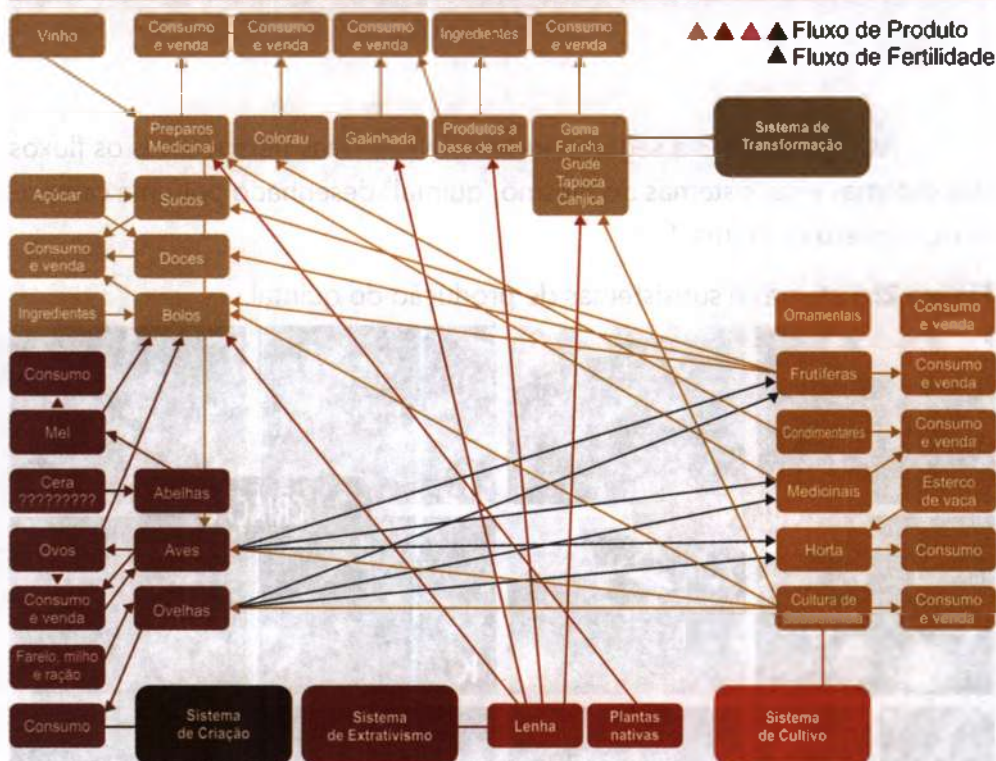
As Figuras 2 e 3 a seguir apresentam sob duas perspectivas os fluxos dos sistemas e subsistemas do mesmo "quintal" desenhado por uma camponeza, exposto na Figura 1.

Figura 2: Sistemas e subsistemas de produção do quintal.



Fonte: ABRANTES (2012)

Figura 3: Composição do quintal em “sistemas e subsistemas” e “fluxos de fertilidade e de produtos” do quintal de uma camponesa.



Fonte: ABRANTES (2012).

Os “quintais” apresentam um conjunto de sistemas e subsistemas que constituem um agroecossistema cujos elementos sociais e ambientais estão indissociados, e os fluxos de fertilidade e de produtos estão conectados numa dinâmica sinérgica que garante a produção e a reprodução dos “quintais”. Nestes, destacam-se: a agrobiodiversidade; o controle de “pragas” e de doenças, via uso de fertilizantes naturais e de preparações medicinais naturais, em substituição ao uso de medicamentos farmacêuticos destinados aos animais, como gado, ovinos, caprinos, suínos e aves; um complexo fluxo

de fertilidade subsidiado por uma multiplicidade de produtos e de tipos de práticas de manejo do solo (prática de cobertura morta, barreiras de mata nativa, consórcio de culturas, compostagem, leiras, esterco, composto, etc.), que tende a um equilíbrio da fertilidade do solo.

A diversidade de técnicas e práticas de cobertura que garantem a reprodução da fertilidade do solo no sistema de cultivo possibilita também a interação com os demais sistemas (criação, extrativismo e transformação), gerando uma sinergia de fertilidade em todo o “quintal”. Tal complexidade é compreendida pelas mulheres na gestão e organização dos espaços produtivos dentro do “quintal”. A fertilidade do solo se dá, portanto, entre sistemas e subsistemas. O exemplo citado, representado na Figura 3, revela que ovinos e aves fornecem esterços para fertilizar a horta e outros cultivos, assim como as diversas formas de manejo do solo subsidiam o fluxo de fertilidade, como indicam as setas pontilhadas. Os sistemas de cultivo ainda fornecem os alimentos para consumo familiar e comunitário, e para a criação.

Constitui-se nesse processo o vínculo entre a produção, a transformação e o consumo alimentar. São relações essenciais, dinâmicas e estreitas que se produzem entre casa/cozinha e “quintal”, garantindo competências culinárias, sociabilidades e afetividades numa dimensão cosmológica da alimentação para a vida. Esses elementos se conjugam constituindo um campo de relações numa perspectiva integrada, autônoma e complexa.

A prática dos “quintais” configura-se como importante campo de fortalecimento da soberania e segurança alimentar por meio da diversidade dos sistemas e subsistemas e do aprofundamento dos conhecimentos ancestrais. São expressões culturais refletidas no âmbito do preparo, da composição, do manuseio, da experimentação, das estratégias de armazenamento e transformação dos alimentos. A própria concepção de alimento e de composição de uma cultura alimentar que traz os elementos da ancestralidade e do saber produtivo remete a uma dimensão que rompe com a lógica restrita de produção alimentícia do sistema capitalista. Essas reflexões são fruto de experimentações entre professores/as, estudantes e as comunidades cam-

ponesas, que, no compartilhamento de saberes, apreendem e aprofundam conhecimentos que se voltam para o fortalecimento e a resistência do projeto camponês e para a transformação do ensino, pesquisa e extensão no âmbito das ciências agrárias.

Nessa perspectiva, os "quintais" apresentam conteúdos para a promoção da soberania e segurança alimentar, tais como o acesso a alimentos de qualidade, a valorização da biodiversidade, manejo e gestão de sementes vegetais e de animais. As mulheres guardam a produção de conhecimento na escolha, seleção e conservação das sementes, na preservação da mata nativa, na produção da genética de sementes de qualidade, na manutenção da biodiversidade e na investigação de novas sementes a partir do plantio de variedades adaptáveis a condições climáticas adversas.

Desse modo, a complexidade desse sistema agroalimentar situado nos "quintais" tem grande significado, não somente ecológico, econômico (principalmente de economias não capitalistas), cultural e social, mas de significado político. O "quintal" é o lugar potencial para se pensar a transição agroecológica, e são as mulheres que historicamente estão à frente desses processos.

Os saberes acumulados pelas mulheres nas práticas de "quintais" acontecem na experiência cotidiana e estão profundamente ligados à sua sobrevivência e à reprodução da sua vida familiar e comunitária. Porém, não se trata de um saber específico, somente de produção exclusiva de mulheres, trata-se de um saber universal, presente em sociedades tradicionais, como as camponesas, os povos originários, quilombolas, pescadoras artesanais, ribeirinhas, etc. Tais sociedades constroem modos de aquisição de saberes cujos elementos se assemelham.

Não há neste escrito qualquer risco de essencialização de um saber que seja basicamente feminino nem de reafirmação da mulher numa relação direta com a natureza, como a coloca a ciência moderna numa postura analítica dualista. Trata-se de saberes em processo de construção experiencial a partir das práticas executadas pelas mulheres em seus "quintais" e nos espaços de atuação e construção social e política. São conhecimentos aprendidos a partir de sua trajetória histórica, o que desmitifica a relação essencialista da

concepção do ser mulher. É importante ressaltar que são saberes cujo maior domínio está com as mulheres camponesas que exercitam manejos agroecológicos.

A função criadora do pensamento para um agir em movimento com a natureza

Como avançar nesse diálogo em torno da agregação de reflexões de mulheres que buscam renovar os horizontes do conhecimento, principalmente do saber feminista, e romper com as distâncias entre o conhecimento acadêmico e o saber da experiência? Como realizar deslocamentos, abrindo novas fronteiras e criando interações entre estudos feministas e experiências de mulheres camponesas?

O conhecimento produzido na academia e transmitido nos “bancos escolares” está desconectado do tecido social, das mudanças que se realizam de forma imbricada entre o local e o global. Contudo, não há como separar os problemas encarados pelas comunidades locais dos problemas vivenciados pelo planeta Terra como um todo. As mulheres e as comunidades camponesas e tradicionais secularmente já os tratam de forma conjunta.

Na observação das comunidades camponesas, escutam-se mulheres afirmarem: “queremos ser vistas como mulheres”; “me pergunto: qual o desenvolvimento que quero para meus netos?”; “quero trocar, pois assim todos ganham conhecimento”; “o meu trabalho não polui, não degrada, o que se tira é na medida, porque logo a natureza repõe”; “exploramos a terra, os mangues, com preservação”; “sou uma experimentadora de novas descobertas”; “nós pescadoras sofremos mais que os homens, pois pescamos perto de casa e os homens vão para o mar”; “não dá para vender galinha agroecológica e comprar fruta com agrotóxico”; “a gente planta o que a gente quer”; “comecei do zero”; “a gente tem a terra não é pra vender, a gente tem a terra é pra sobreviver nela”; “nossa organização nos deu força e reconhecimento de nosso trabalho”; “nós fazemos parte do mundo”; “experimento e faço minhas adaptações e mudanças de acordo com a realidade”; “quero melhorar as práticas como cidadã”.

A visão de mundo que essas mulheres apresentam é rica de experiências concretas, de críticas, de compromissos que colocam a vida humana na centralidade e, como pensamento, reacende sua função criadora, reflexiva, produtora e integradora entre o pensar cognitivo e o agir em movimento com a natureza. As experiências das mulheres e a transmissão de seus saberes têm o objetivo de garantir a manutenção da vida.

Mulheres aprendem pela observação e pelos sentidos, usam as dimensões físicas, afetivas e cognitivas de forma interligada. O aprendizado mobiliza os corpos, as mentes e seus corações, em conexão com os dos animais e das plantas. O aprendizado pela observação reflexiva produz nas mulheres uma memória afetiva e um inventário das plantas e das técnicas.

Quando se fala do aprendizado pela observação fala-se de processo pedagógico, de método de pesquisa, de aprendizado e experimentação no cotidiano de trabalho das mulheres. Fala-se de processos de educação da sensibilidade, de formação, de construção de competências que se dão no plano afetivo, cognitivo, físico e político. Essas observações podem ser pensadas a partir do campo da experiência como saberes da experiência, como saberes das práticas, e seu reconhecimento como conhecimento apreendido tem pertinência e competência.

Desse modo, no seu cotidiano de vida as mulheres produzem perspectivas de trabalho teórico-metodológico a ser estudado, compreendido, ressignificado na academia e enriquecido para ampliar o campo da epistemologia crítica feminista.

Na agenda das acadêmicas feministas, o caráter político das ações das mulheres é simultâneo e gerador de conhecimento e de poder. O feminismo, ao se posicionar no "ângulo de visão dos oprimidos" (SARDENBERG, 2002, p. 107), passa a considerar a inclusão, a luta por direitos negados, a denúncia da opressão, a afirmação de novos sujeitos sociais, o reconhecimento da diversidade no interior do próprio sujeito social – a mulher.

O feminismo crítico questiona o pressuposto da neutralidade, indicando que o conhecimento deve ter o caráter transformador, e por isso deve ter posição e estar em relação com o social, o político, o ambiental e o his-

tórico. Ao mesmo tempo, tal debate adentra o questionamento da generalização da ciência, demonstrando que somente se aceitam as generalizações se forem "confirmadas por nossa experiência" (SARDENBERG, 2002, p. 104).

Há nesse debate questões de ordem teórico-metodológica a tratar que remetem ao enriquecimento da epistemologia crítica feminista, da categoria analítica de gênero e do fortalecimento das práticas das mulheres no campo da agroecologia, como também nos recentes estudos descoloniais.

Construir uma base reflexiva feminista é, como afirma Sardenberg,

Propor princípios, conceitos e práticas que possam superar as limitações de outras estratégias epistemológicas, no sentido de atender aos interesses sociais, políticos e cognitivos das mulheres e de outros grupos historicamente subordinados (2002, p. 97).

Anderson considera que, no meio de tensões e de divergências entre as correntes feministas, "talvez a única assertiva epistemológica feminista" a ter consenso "seja a noção geral de *conhecimento situado*", que significa o conhecimento que reflete "a posicionalidade dos sujeitos cognoscentes, sendo gênero um dos fatores determinantes na sua constituição" (ANDERSON, 2001 apud SARDENBERG, 2002, p. 98).

A intersecção entre estudos que dialogam com classe, gênero, raça/etnia e geração aponta para avanços ao feminismo crítico, como também à agregação de teorias, como o materialismo histórico, o estudo das desigualdades de gênero, inclusas as desigualdades produtoras de poder e os estudos descoloniais, caros às mulheres camponesas da América Latina.

O pensamento descolonial ilumina e instiga o debate feminista na medida que aponta para novos horizontes epistemológicos enraizados nos saberes, nas práticas e nas lutas das mulheres camponesas. São elementos constituintes de uma complexidade da existência humana e de esferas cognitivas que são dinamizados em suas trajetórias cotidianas. São existências, saberes, práticas, lutas que apontam para novas interpretações, a considerar uma história de colonização e de patriarcalização intimamente imbricadas.

Esta escrita se faz do ponto de vista de quem observa, ausculta e se sensibiliza com a realidade produzida pelas mulheres camponesas. É um entendimento que se faz na academia, embora com o compromisso de aproximação com os sentidos verdadeiros transmitidos pelas mulheres. Vem assim como contributo para o entendimento interno e externo aos espaços acadêmicos e produtores de reflexões de caráter crítico feminista. Assim, espera-se criar novas evidências ao feminismo crítico acadêmico para que alimente, anuncie e se realize também na militância feminista e na relação dialógica com as experiências e saberes das mulheres camponesas.

As mulheres camponesas fazem a crítica ao modelo de racionalidade que está associado à dimensão do desenvolvimento numa perspectiva do progresso e da hegemonia do modelo econômico de produção. A ideia de racionalidade questionada pelas mulheres camponesas em suas práticas cotidianas questiona as bases estruturais do modelo hegemônico de produção, que também é patriarcal e colonizador. Além disso, o questionamento à racionalidade hegemônica está presente em suas práticas que apresentam elementos questionadores das esferas de poder e das bases hegemônicas de produção e reprodução ancoradas no capital e no saber produzido pela ciência moderna.

O que essas mulheres querem para além dos elementos revelados, que em si se constituem em crítica à racionalidade e ao poder instituído? Tal questionamento instiga o feminismo a reflexões sobre elementos que se complexificam no âmbito de possibilidades de vida e de construção do cotidiano que segue para além da lógica hegemônica.

As mulheres trazem a contradição sobre a existência do Outro em contraposição ao Eu dominante inscrito e centrado no Ser masculino, branco, europeu, culturalmente hegemônico na historiografia, na ciência e no modelo de progresso da civilização humana. Nesse sentido, o pensamento da descolonialidade e da despatriarcalidade oferece pistas analíticas para se repensar o saber e o poder em disputa na sociedade latino-americana.

Que saberes, que poderes, que existências estão em disputa? O projeto liberal burguês é questionado nas suas bases ao trazer para o debate econômico, social, político e ambiental a relação de sobrevivência do planeta e outra cosmovisão de interação humana. Para além da visão sistêmica trazida numa leitura restringida ao circuito determinado dos “quintais”, segue-se a ampliação reflexiva para o campo das relações humanas, das diversas esferas de existência do ser, da produção de economias naturais, não capitalistas. As práticas e saberes das mulheres possuem vitalidade própria e se mostram como referência comunal e com dinâmica de interação e coprodução entre natureza e agricultura nos lugares de existência dessas mulheres.

A experiência das mulheres nos “quintais” extrapola a análise restrita aos elementos de construção e gestão de um sistema agroalimentar. Traz a sintonia que existe com o ambiente, com a dinâmica social, com a história e a cultura de povos que também estão a inferir reflexões sobre o direito da natureza como elemento central para a reprodução da sociedade camponesa.

No âmbito da construção de um debate crítico feminista, as mulheres camponesas estão a oferecer outras bases conceituais que questionam as referências de concepção de mundo que são trazidas inclusive em muitas construções conceituais feministas. São esferas de reflexão que potenciam e oferecem possibilidades de ruptura em concepções e bases epistemológicas, que trazem perspectivas de desconstrução e construção de novas concepções em relação a lugares outros de produção de saber, de poder, de racionalidades, de desenvolvimentos, de relação com a natureza. Trazem ainda possibilidades de se construir novos horizontes a se constituírem como campos de conhecimentos a serem disputados de fato.

Referências

- ABRANTES, K. K. J. **Agroecologia e gênero**: experiências em quintais produtivos nas comunidades Sítio Coqueiro e Barra do Córrego - Assentamento Maceió, Itapipoca/CE. Relatório (Graduação em Economia Doméstica). Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2012.
- CAMURÇA, A. M. **Mulheres e agroecologia**: possibilidades para a sustentabilidade local da comunidade Bom Jesus, Assentamento Maceió, Itapipoca/CE. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2013.
- KOSS, M. **Feminino+masculino**: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras, 2004.
- LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: _____. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur-Sur. Clacso, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar>>. Acesso em: 20 jun. 2016
- MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo**: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo, Brasília: Ed. Unesp, NEAD, 2010.
- MÉSZÁROS, I. **Crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- MONEYRON, A. **Transhumance et éco-savoir**. Reconnaissance des alternances écoformatives. Paris: L'Harmattan, 2003.
- SARDENBERG, C. M. B. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? In: _____.; COSTA, A. A. (Orgs.). **Feminismo, ciência e tecnologia**. Coleção Bahianas 8. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002, p. 89-120.
- SILIPRANDI, E. C. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015.

On the Role of the Family in the Well-Being of Older Adults: A Review of the Literature

John P. A. Hooley, University of Exeter, United Kingdom
John E. Birrell, University of Exeter, United Kingdom

Abstract This review examines the role of the family in the well-being of older adults. It discusses the theoretical underpinnings of the family's role, the empirical evidence, and the implications for practice. The review highlights the importance of the family in providing emotional support, financial assistance, and practical help to older adults. It also discusses the challenges faced by families in caring for older adults, such as the need for respite care and the impact of dementia on family relationships.

Introduction

The family is a central institution in many cultures, and it plays a crucial role in the well-being of its members. For older adults, the family is often the primary source of support and care. This review examines the role of the family in the well-being of older adults, drawing on a range of theoretical perspectives and empirical research. It discusses the importance of the family in providing emotional support, financial assistance, and practical help to older adults. It also discusses the challenges faced by families in caring for older adults, such as the need for respite care and the impact of dementia on family relationships.

The review begins by discussing the theoretical underpinnings of the family's role. It examines the role of the family in providing emotional support, financial assistance, and practical help to older adults. It also discusses the challenges faced by families in caring for older adults, such as the need for respite care and the impact of dementia on family relationships. The review then discusses the empirical evidence for the family's role in the well-being of older adults. It examines the impact of family support on the health and well-being of older adults, and the role of the family in providing care and support to older adults with dementia.

The review concludes by discussing the implications for practice. It highlights the importance of the family in the well-being of older adults, and the need for practitioners to work with families to provide support and care to older adults. It also discusses the need for further research on the role of the family in the well-being of older adults, and the implications for policy and practice.

Keywords: family, older adults, well-being, support, care, dementia, respite care, emotional support, financial assistance, practical help, challenges, implications for practice, research, policy, practice.



A RESPEITO DOS ORGANIZADORES

Mônica Castagna Molina:

É graduada em Ciências Jurídicas e Sociais (1989) pela PUC/Campinas, especialista em Políticas Públicas e Governo (1997) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), mestre em Sociologia Rural (1998) pela Unicamp, doutora em Desenvolvimento Sustentável (2003) pela Universidade de Brasília e tem Pós-doutorado em Educação (2013) pela Unicamp. É professora Adjunta da Universidade de Brasília (UnB), da Licenciatura em Educação do Campo, no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural e do Programa de Pós-Graduação em Educação, onde coordena a Linha de Pesquisa Educação Ambiental e Educação do Campo desde 2013. É coordenadora da pesquisa "Análise de práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais da Educação e das Ciências Agrárias nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte" pelo Observatório da Educação da Capes (2013-2017). Coordenou o Pronera e o Programa Residência Agrária. Participou da I Pesquisa Nacional da Reforma Agrária, em 2003-2004 (I PNERA) e Coordenou a II Pesquisa Nacional da Reforma Agrária (II PNERA), financiada pelo IPEA, em 2013-2015. Coordenou a Pesquisa Capes/CUBA, no período de 2010-2014. Coordenou a pesquisa "A Educação Superior no Brasil (2000-2006) - Uma Análise Interdisciplinar das Políticas para o Desenvolvimento do Campo Brasileiro", financiada pelo Observatório de Educação da Capes. Integra a pesquisa "Formação Docente e a Expansão do Ensino Superior", na coordenação do Sub 07: Educação Superior do Campo, pelo Projeto Observatório da Educação do Campo da Capes. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Sociologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação do Campo, Formação de Educadores, Políticas Públicas, Reforma Agrária, Desenvolvimento Sustentável.

Fernando Michelotti:

É graduado em Engenharia Agrônoma (1993) pela Universidade de São Paulo (ESALQ-USP), mestre em Planejamento do Desenvolvimento (2001) pela Universidade Federal do Pará (NAEA-UFPA) e doutorando em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR-UFRJ). É Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), vinculado ao Instituto de Estudos do Desenvolvimento Agrário e Regional. Coordenou o curso de especialização em Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Amazônia/Residência Agrária, em parceria com o IALA - Via Campesina.

Rafael Litvin Villas Boas:

Graduado em Jornalismo (2001), mestre em Comunicação Social (2004) e doutor em Literatura (2009) pela Universidade de Brasília. Tem pós-doutorado em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (2017). Integra os Programas de Pós-Graduação, mestrado Profissional em Artes (Profartes/UnB) e Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe. Coordena os grupos de pesquisa Modos de Produção e Antagonismos Sociais, e Terra em Cena: teatro e audiovisual na Educação do Campo. É coordenador de Extensão da Faculdade UnB Planaltina (FUP) e da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular. Desenvolve pesquisas nas áreas de Estética e Política, Cultura, Identidade e Território, e as interfaces entre questão agrária e questão racial no Brasil.

Rita de Cássia Fagundes:

É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2005), em Direito pela Universidade Paranaense (2004) e mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2010). Foi coordenadora pedagógica do curso de Pós-Graduação em Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe e é integrante do Núcleo de Estudos e Vivências Agroecológicas (EVA-UFS), da Rede Sergipana de Agroecologia (Resea) e da Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (Renda/CNPq). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

ALBERTO DOS AUTORES



**A RESPEITO DOS
AUTORES**

Adriana Fernandes Souza: Licenciada em Educação do Campo e especialista em Residência Agrária pela Universidade de Brasília (UnB). Trabalha com educação popular e teatro político, com a questão negra e da violência contra a mulher. Atualmente é educadora de jovens e adultos no Programa Pro-jovem Campo Saberes da Terra e é integrante da equipe de coordenação política pedagógica do Residência Agrária Jovem - Universidade de Brasília/CNPq. É mestranda da Faculdade de Educação da UnB.

Amaurly da Silva Santos: É graduado em Agronomia (1992) e mestre em Fitotecnia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1995), e doutor em Produção Vegetal pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2000). Atualmente é pesquisador da Embrapa e coordenador do Núcleo de Agroecologia da Embrapa Tabuleiros Costeiros e integrante da Rede Sergipana de Agroecologia (Resea). Desenvolve atividades com sementes crioulas no estado da Paraíba, conhecidas por Sementes da Paixão. Desenvolve também pesquisas participativas em comunidades e assentamentos de Reforma Agrária, tendo como perspectiva a construção do conhecimento agroecológico por meio da sistematização de experiências agroecológicas e de seu intercâmbio entre agricultores e técnicos.

Ana Cláudia Diogo Tavares: Possui graduação em Direito e mestrado em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF), além de doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Foi colaboradora no Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Direitos Sociais do Campo, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é Professora Adjunta do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH) e professora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas em Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPDH/UFRJ).

Ana Manuela Chã: É graduada em Psicologia pela Universidade de Lisboa e mestra em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (Unesp). Faz parte da coordenação do Coletivo de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Tem experiência na área de psicologia social, cultura e comunicação com ênfase em audiovisual e movimentos sociais.

Andhressa Araújo Fagundes: É doutora em Nutrição Humana pela Universidade de Brasília - UnB (2013), mestra em Ciências da Saúde - UnB (2006) e graduada em Nutrição (2002). É especialista em Gestão de Políticas Públicas de Alimentação e Nutrição, e em Vigilância Alimentar e Nutricional para a População Indígena, pela Fundação Oswaldo Cruz. Atua nas linhas de pesquisa: Nutrição na Atenção Primária à Saúde, Segurança Alimentar e Nutricional, e Educação Alimentar e Nutricional; Pesquisa Qualitativa em Saúde; Políticas e Programas de Alimentação e Nutrição. Atualmente é professora

do Departamento de Nutrição e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Nutrição da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e Coordenadora adjunta do Observatório de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado de Sergipe (OSANES).

Andrea C. Matheus: Engenheira Agrônoma e mestra em Agricultura Orgânica pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atua no Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST.

Andrea Machado Camurça: É graduada em Economia Doméstica pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Segurança Alimentar e Nutricional pela Universidade Estadual do Ceará (UECe) e mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFC). Foi Secretária Executiva da Rede Brasileira de Justiça Ambiental (RBJA) e desde 2005 é pesquisadora do Programa Residência Agrária (PRA). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade de Brasília, docente da Licenciatura em Educação do Campo e integra o Programa de Pós-Graduação em Educação e o Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, da Universidade de Brasília.

Ayala Lindabeth Dias Ferreira: Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2005) e especialização em Residência Agrária/Proneira pela UFPA/Campus de Marabá (2012). Militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), compõe a equipe pedagógica do Instituto de Agroecologia Latino-Americano Amazônico (IALA Amazônico). Atuando nesses espaços, acumulou experiência na educação popular e em sistemas produtivos no bioma amazônico (bioconstruções, criação de pequenos animais, produção de mudas nativas na Amazônia e apicultura).

Bárbara Loureiro Borges: É graduada em Engenharia Florestal pela Universidade de Brasília (UnB). Foi aluna do Curso de Especialização em Residência Agrária também da UnB. Possui formação e cursos na área de Agroecologia e Questão Agrária, e experiência em Extensão Rural, atuando em assentamentos e acampamentos de Reforma Agrária. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (UnB).

Beatriz Casado Baidés: Possui graduação em Antropologia Social y Cultural - Universidad Miguel Hernández (2007) e mestrado universitário em Desarrollo y Cooperación Internacional pelo Instituto HEGOA - Universidad del País Vasco (UPV-EHU) (2008). Foi Integrante da equipe de coordenação do curso de especialização em Residência Agrária da Universidade de Brasília (Proneira/CNPq/FUP) e atualmente é doutoranda do Programa de Doctorado en Estudios sobre Desarrollo do Instituto HEGOA - Universidad del País Vasco (UPV-EHU).

Carla Tatiane Guindani: Possui graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestrado em Agroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Charlotte Emanuele da Silva Sousa: Possui graduação em Agroecologia pelo Instituto Federal de Brasília (2013) e Pós-Graduação *Lato Sensu* em Residência Agrária com ênfase em Agroecologia pela Faculdade UnB Planaltina (2015). Linhas de pesquisa: gênero, raça, educação, teatro do oprimido.

Clarice Aparecida dos Santos: Graduada em Pedagogia pela Universidade de Ijuí/RS, mestra em Educação pela Universidade de Brasília (UnB) e doutora em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Foi analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e, entre 2007 e 2015, foi Coordenadora-Geral de Educação do Campo e Cidadania, e do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea). É professora da Universidade de Brasília.

Daniel Albiero: Possui graduação em Engenharia Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp (2001) e em Física pela Unicamp (1996), mestrado (2005) e doutorado (2009) em Engenharia Agrícola também pela Unicamp. Atualmente é bolsista de Produtividade Desen. Tec. e Extensão Inovadora do CNPq e Professor Adjunto de Máquinas e Energia na Agricultura da Universidade Federal do Ceará (UFC), Coordenador do Gemasa (Grupo de Pesquisas em Energia e Máquinas para a Agricultura do Semiárido) e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola da UFC (PPGEA-UFC).

Daniel Mancio: É professor do Departamento de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tem graduação em Agronomia (2002) e mestrado em Solos e Nutrição de Plantas pela Universidade Federal de Viçosa (2008), além de especialização em Economia e Desenvolvimento Agrário (2010) e doutorado em Produção Vegetal pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atua no curso de Educação do Campo, ministrando aulas de Questão Agrária, Agroecologia e Desenvolvimento Rural, e atua em projetos nas áreas de organização das áreas de Reforma Agrária e no desenvolvimento da agroecologia em assentamentos.

Débora Franco Lerrer: Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ) e pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Foi coordenadora do Curso de Especializa-

ção em Residência Agrária da UFRRJ, onde atualmente é Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ). Desenvolve pesquisas em torno dos seguintes temas: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, questão agrária, agronegócio, mediações jornalísticas e educação superior no campo.

Diana Mendes Cajado: Possui graduação em Engenharia de Pesca (2010) e mestrado em Economia Rural (2013) pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutorado em andamento no Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente (ProdeMa/UFC). É pesquisadora voluntária do Programa Residência Agrária. Tem experiência docente em graduação e pós-graduação nas áreas: economia e áreas afins, estágio supervisionado, orientação de trabalhos de conclusão de curso, metodologia do trabalho científico, gestão ambiental e áreas afins, além da experiência em projetos de extensão com ênfase em extensão rural.

Dominique Michèle Perieto Guhur: É graduada em Agronomia e mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Trabalha com movimentos sociais desde 1999 nas áreas de agroecologia, educação popular, Educação do Campo, metodologia de pesquisa e economia política. Atualmente é integrante do Coletivo de Acompanhamento Político-Pedagógico da Escola Milton Santos, do Centro de Formação em Agroecologia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do Paraná.

Elenara Ribeiro da Silva: Tem graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Campinas (Unicamp). Tem experiência em elaboração, execução e acompanhamento de projetos relacionados à Formação, Pesquisa-Ação-Desenvolvimento, Educação Ambiental e Extensão Rural.

Erika Macedo Moreira: Graduada em Direito e mestra em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutora em Direito pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), coordenadora do Observatório Fundiário Goiano (Ofungo) e do Curso de Direito para beneficiários da Reforma Agrária e agricultores familiares (UFG/ INCRA-Pronera).

Fábio Ramos Nunes: Graduado em Administração pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Foi aluno do Curso de Especialização em Residência Agrária e atualmente é aluno do mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, ambos pela Universidade de Brasília (UnB).

Fernando Michelotti: É graduado em Engenharia Agrônoma (1993) pela Universidade de São Paulo (ESALQ-USP), mestre em Planejamento do Desenvolvimento Rural (2001) pela Universidade Federal do Pará (NAEA-UFPA) e

doutorando em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR-UFRJ). É Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), vinculado ao Instituto de Estudos do Desenvolvimento Agrário e Regional. Coordenou o curso de especialização em Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Amazônia/Residência Agrária, em parceria com o IALA - Via Campesina.

Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo: É Professora Associada da Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. É professora/orientadora no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFC) e no Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da UFC. Coordenou o curso de especialização em Residência Agrária na Universidade Federal do Ceará e é membro da Comissão Pedagógica Nacional do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea).

Geraldo José Gasparin: É graduado em Filosofia e mestre em Desenvolvimento Territorial para a América Latina e Caribe do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI). Foi coordenador-geral da Escola Nacional Florestan Fernandes no período de 2006 a 2011.

Haroldo de Souza: Possui graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade de São Paulo (2000), mestrado em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (2010). É professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) e atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ).

Ivana Leila Carvalho Fernandes: É graduada em Pedagogia (2015) e Economia Doméstica (2005), especialista em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo (2007) e mestra em Avaliação de Políticas Públicas (2013). Tem experiência na área de Desenvolvimento Rural, com ênfase em Políticas Públicas, Educação do Campo, Movimentos Sociais, Extensão Rural, Agroecologia e Relações de Gênero e Família. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará (Prodema/UFC).

Janaina Tude Sevá: É bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), tem mestrado e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Atualmente é professora do Curso de Direito da Universidade Federal de Goiás (UFG) e pesquisadora colaboradora do Observatório Fundiário Goiano (Ofungo/UFG).

José Jonas Duarte da Costa: Tem graduação em História e mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal da Paraíba, e doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). É Professor Associado III do Departamento de História da UFPB e membro da Comissão Pedagógica Nacional do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea). Coordenou o Programa de Residência Agrária - Processos Históricos e Inovações Tecnológicas no Semiárido, mediante parceria UFPB/Insa.

José Maria Tardin: Foi coordenador da Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA) e assessor pedagógico em cursos de Agroecologia em vários países da América Latina. Atua na formação em Agroecologia em escolas técnicas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, assessorando cursos de Especialização em Agroecologia em parceria com universidades e institutos de pesquisa.

Josefa Adriana Leal dos Santos: É graduada em Medicina (ELAN), tem Especialização em Residência Agrária pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e é integrante do Setor de Saúde do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Atualmente é servidora pública, exercendo a função de médica do Programa Saúde da Família em Simão Dias/SE.

Karla Karolline de Jesus Abrantes: Possui graduação em Economia Doméstica (2012) e mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará (2015). Foi bolsista do Residência Agrária e têm publicações e estudos nas áreas de Economia Doméstica com enfoque nos temas de assentamentos rurais, segurança alimentar e nutricional, relações de gênero, mulheres rurais e agroecologia. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFC).

Laura Angélica Ferreira: Possui graduação em Zootecnia pela Universidade Federal de Viçosa/MG (1993), mestrado em DEA ETES: Environnement, Temps, Espace et Société - Université D'Orléans (1994) e doutorado em Développement Rural et Système d'Élevage - Institut National Agronomique Paris-Grignon (2001). Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal do Pará.

Lígia Alves Viana: É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECe) e mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará (Prodema/UFC). Atualmente é integrante do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Agroecologia (NEEPA), vinculado ao Programa Residência Agrária e Núcleo Tramas - Trabalho, Meio Ambiente e Saúde, ambos da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Luiz Henrique Gomes de Moura: É Engenheiro Florestal formado na Universidade de Brasília (UnB), especialista em Agroecologia e mestre em Agroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e doutor em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade

Federal de Goiás (UFG). Militante pela Reforma Agrária, tem realizado estudos e pesquisas nas áreas de agroecologia, soberania alimentar, questão agrária, questão ambiental e novas dinâmicas da acumulação capitalista. Integra o grupo de pesquisa Modos de Produção e Antagonismos Sociais (UnB) e o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Geografia Agrária e Dinâmicas Territoriais (UFG).

Marcela Medeiros de Castro: Tem graduação em Educação do Campo e especialização em Residência Agrária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É integrante da Federação de Trabalhadores da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro e uma das Coordenadoras do Assentamento Celso Daniel - Macaé/RJ.

Marcelo Bruno Ribeiro Barbosa: Graduado em Agronomia pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), atuou no fortalecimento e na consolidação do Núcleo Interdisciplinar de Agroecologia e Educação do Campo (Naec) e do Instituto de Agroecologia Latino-Americano Amazônico (IALA Amazônico). Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

Marco Antonio Ribeiro Baratto: Tem graduação em Pedagogia, mestrado em Educação Ambiental e Educação do Campo e doutorado em Política Social pela Universidade de Brasília (UnB). Participou da equipe pedagógica do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Residência Agrária (UnB/CNPq/Pronera) e da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF).

Maria Inês Escobar da Costa: É professora da Universidade Federal do Cariri/UFCa, possui graduação em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa - UFV/MG (2002) e mestrado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília - CDS/UnB (2006). Atualmente é doutoranda na Universidade de São Paulo - FEUSP/USP. Tem experiência na área de Agronomia, com ênfase em Extensão Rural, Agroecologia e Educação do Campo, atuando principalmente nos seguintes temas: assentamentos rurais, Educação do Campo, meio ambiente e cultura. Atualmente é coordenadora da Especialização em Cultura Popular, Arte e Educação do Campo - Residência Agrária.

Rafael Litvin Villas Bôas: Graduado em Jornalismo (2001), mestre em Comunicação Social (2004) e doutor em Literatura (2009) pela Universidade de Brasília. Tem pós-doutorado em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo (2017). Integra os Programas de Pós-Graduação, mestrado Profissional em Artes (Profartes/UnB) e Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe. Coordena os grupos de pesquisa Modos de Produção e Antagonismos Sociais, e Terra em Cena: teatro e audiovisual na Educação do Campo. É coordenador de Extensão da

Faculdade UnB Planaltina (FUP) e da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular. Desenvolve pesquisas nas áreas de Estética e Política, Cultura, Identidade e Território, e as interfaces entre questão agrária e questão racial no Brasil.

Ranielle Caroline de Sousa: Possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestrado em Direito pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é Professora Substituta da Universidade Federal de Goiás, advogada do Cerrado Assessoria Jurídica Popular e coordenadora do curso de Direito da Faculdade de Inhumas/GO.

Rita Fagundes: É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2005), em Direito pela Universidade Paranaense (2004) e mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2010). Foi coordenadora pedagógica do curso de Pós-Graduação em Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe e é integrante do Núcleo de Estudos e Vivências Agroecológicas (EVA-UFS), da Rede Sergipana de Agroecologia (Re-sea) e da Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (Renda/CNPq). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

Roseli Salette Caldart: É graduada em Pedagogia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integra o Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e atualmente é assessora pedagógica do Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (Iterra), além de coordenar o curso de Licenciatura em Educação do Campo, parceria Iterra-UnB-MEC.

Sônia Barbosa Magalhães: Possui graduação e mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), doutorado em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e em Sociologia pela Université Paris 13. Atualmente é professora da Universidade Federal do Pará, vinculada ao Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural.

Tatiana Canuto Silva: É nutricionista graduada pela Universidade Federal de Sergipe (2016). Participou das ações de Extensão do Eixo de Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional do curso de Especialização em Residência Agrária da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é mestranda em Ciências da Nutrição pela Universidade Federal de Sergipe (2017-2019) e pós-graduanda (nível de Especialização) em Segurança Alimentar e Nutricional pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2016-2017).

ISBN 978-85-230-1208-3



9 788523 012083



UnB | CTEC

